



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA

FRANCISCO VALDINEY SILVA SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE AS MASCULINIDADES NAS PRÁTICAS
DISCURSIVAS DE HOMENS NO ENSINO SUPERIOR**

PARNAÍBA, 2022

FRANCISCO VALDINEY SILVA SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE AS MASCULINIDADES NAS PRÁTICAS
DISCURSIVAS DE HOMENS NO ENSINO SUPERIOR**

**Projeto apresentado ao curso de psicologia da
Universidade Federal do Delta do Parnaíba,
UFDPAR.**

Orientador: Prof. Me. Pedro Victor Modesto Batista

PARNAÍBA, 2022

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	4
GÊNERO: UM PAPEL PERFORMÁTICO	5
MASCULINIDADES E HIERARQUIAS DE GÊNERO	6
MÉTODO	8
RESULTADOS E DISCUSSÕES	10
Percepções sobre masculinidades	10
Possibilidades para uma masculinidade mais saudável	13
O papel do homem no combate ao machismo	14
A implicação da psicologia nas discussões de gênero	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar a percepção de estudantes que se identificam com o gênero masculino do curso de psicologia de uma universidade pública acerca das masculinidades e da relevância dos estudos de gênero para sua formação profissional. A pesquisa possui caráter qualitativo e se deu a partir da aplicação de um questionário sociodemográfico e de entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes. Participaram da pesquisa oito estudantes de psicologia, de 18 a 24 anos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011). A análise resultou nas categorias: “Percepções sobre masculinidades”, “Possibilidades para uma masculinidade mais saudável”, “O papel do homem no combate ao machismo” e “A implicação da psicologia nas discussões de gênero”. A pesquisa apontou que os entrevistados entendem que o modelo de masculinidade hegemônico é nocivo tanto para si mesmos, como para a sociedade em geral e buscam novas formas de expressar suas masculinidades. Além disso, os estudantes defendem que as discussões de gênero são fundamentais para a formação profissional em psicologia, uma vez que elas contribuem para o entendimento de subjetividades e contextos de opressão. Entretanto, ainda que o convite para a pesquisa tenha estendido-se para todos os estudantes do curso que se identificam com o gênero masculino. Apenas estudantes que se declararam não heterossexuais demonstraram interesse e aceitaram participar da pesquisa, o que sugere um maior engajamento dos indivíduos que se desviam do padrão heteronormativo nas discussões acerca da problemática de gênero.

PALAVRAS CHAVE: Masculinidades; Relações de gênero; Psicologia

INTRODUÇÃO

As complexas relações de gênero, a construção de identidade de gênero, as categorias “homens” e “mulheres” e o próprio conceito de gênero vêm sendo problematizados pela produção científica das inúmeras áreas de conhecimento que se dedicam aos estudos de gênero. As transformações do mundo contemporâneo afetam a forma que as relações de gênero se constituem para que a hegemonia de gênero seja mantida. O patriarcado necessita de novas formas de dominação para sua conservação. Os estudos de gênero investigam e aprofundam reflexões acerca desses fenômenos.

A psicologia, como ciência e profissão, deve implicar-se nas discussões de gênero, uma vez que, em uma sociedade generificada, as relações humanas devem ser analisadas levando em consideração o gênero e seu impacto na forma que as pessoas se comportam e se relacionam umas com as outras. A universidade é o berço da formação profissional em

psicologia, e tal formação deve integrar as discussões de gênero, e suas interseccionalidades, nos debates que ocorrem dentro da academia.

A partir de uma pesquisa bibliográfica acerca dos estudos de gênero na psicologia, Curado e Jacó-Vilela (2021), sinalizam que as discussões identitárias da sexualidade e gênero que abordam as teorizações de gênero da terceira onda, a exemplo das masculinidades, são mais escassas e bem recentes, e que há críticas que apontam para o caráter androcêntrico, etnocêntrico, classista e heterossexista da produção de conhecimento na área da psicologia. Neste cenário, as discussões de gêneros carecem de revisão e ampliação, de forma a abarcar todas as vivências de gênero a partir de uma perspectiva interseccional, considerando todas as variáveis que as atravessam.

É notório que a temática de gênero vem ganhando visibilidade no meio acadêmico, porém ainda há uma lacuna em relação à sua inserção na grade curricular dos cursos de psicologia, em especial, quando refere-se às masculinidades (Martins et al, 2016; Cannone, 2018). Diante desse cenário, surgem inúmeros questionamentos, entre eles: que concepção os estudantes universitários têm a respeito da temática? Quem é alcançado pelas discussões de gênero que ocorrem no ambiente universitário?

Visando contribuir para a ampliação das discussões científica acerca das masculinidades e para entendimento da problemática de gênero no espaço acadêmico, em especial na formação em psicologia, o principal objetivo deste trabalho é analisar a percepção de estudantes que se identificam com o gênero masculino do curso de psicologia de uma universidade pública acerca das masculinidades e da relevância dos estudos de gênero para sua formação profissional.

GÊNERO: UM PAPEL PERFORMÁTICO

Em suma, o gênero vai além das interações face-a-face entre homens e mulheres, mas é uma estrutura que engloba economia e estado, família e sexualidade, sendo bem mais complexa do que as dicotomias dos papéis de gênero ou a sexualidade reprodutiva (Connell, 2017). De acordo com Joan Scott (2017), compreende-se o gênero a partir da conexão de dois princípios: "um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos" (p. 86) e "uma forma primeira de significar as relações de poder" (p. 86). A priori, o gênero se constrói a partir da significação cultural atribuída aos corpos. A forma como a distinção dos corpos é percebida pela sociedade influencia em como se organiza a hierarquização das relações de gênero e em como o poder de gênero é sustentado.

Ao longo do século XX propagou-se a ideia do sexo como natural e do gênero como construção. Seguindo essa concepção, há um sexo natural concedido no nascimento,

imutável, entretanto, as identidades no sistema de gênero diz respeito a uma construção social e cultural, portanto flexível. Segundo Judith Butler (2016), que contrapõe tal distinção, o sexo não é natural, mas tão atravessado pelo contexto cultural quanto o gênero, logo, não há o que difere ambos os conceitos. O gênero se constitui a partir da concepção de sexo, já envolto de atribuições culturais. Ao reconhecer a significância do sexo ao longo da história, constata-se que este não é destituído de fundamentos culturais, mas tem sido produzido desde a antiguidade e usado para legitimar desigualdades.

Os esquemas sociais que fundamentam a construção da identidades de gênero são ensinados, reproduzidos e internalizados a partir da influência de elementos socioculturais. A socialização promove a assimilação da cultura machista com desenvolvimento de esquemas de pensamentos preconceituosos que são reforçados constantemente e acabam fomentando discursos e comportamentos negativos em relação ao gênero (Silva & Laport, 2019). Os mitos de gênero foram historicamente propagados nos discursos cotidianos como verdades universais baseados em preconceitos e discriminações.

Na perspectiva da promoção de comportamentos tidos como adequados para a construção da identidade de gênero, Butler (2017) destaca sua natureza performática. O gênero exige uma performance, pois é constituído por uma suposta identidade derivada de um discurso pré-estabelecido, um roteiro baseado em estereótipos de gênero. A partir do momento em que um indivíduo afirma-se pertencente a uma categoria binária de gênero, irá deparar-se com as imposições de como o gênero atua na sociedade, isto é, assume um papel performático de como falar, andar, agir etc. A cultura estabelece o que é feminino e masculino, as características, os comportamentos e as restrições de cada gênero. Socializados em um contexto em que tais papéis performáticos são bem definidos, condutas desviantes são reprimidas continuamente.

MASCULINIDADES E HIERARQUIAS DE GÊNERO

Connell (2017) conceitua a masculinidade como "uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero". Por existir mais de uma forma de configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade, adota-se o termo masculinidades. A masculinidade hegemônica é uma forma de masculinidade que tem sido, erroneamente, adotada para compreender a masculinidade de uma forma geral:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem,

ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell e Messerschmidt, 2013 p. 245).

Connell e Messerschmidt (2013) realizaram algumas reflexões a respeito do entendimento de masculinidade hegemônica, a partir da avaliação das principais críticas realizadas em torno do conceito. Para os autores, há uma pluralidade de masculinidades que são hierarquizadas por um padrão de hegemonia, que não é simplesmente baseado na força. Nessa hierarquização, certas formas de masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. Além disso, ainda segundo Connell e Messerschmidt, as masculinidades hegemônicas resultam de um processo histórico, e, com isso, estas podem ser reconstruídas, novos recursos de dominação podem ser elaborados e novos modelos de masculinidades podem ser socialmente admirados. Segundo os autores, as relações de gênero são sempre arenas de tensão e um padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstruí-lo em novas condições.

Bourdieu (2012) incorpora o conceito de violência simbólica para entender a lógica da dominação masculina. A partir da violência simbólica, a dominação resultaria de um processo em que os indivíduos criam esquemas inconscientes de percepção que naturalizam determinados aspectos da cultura, os princípios simbólicos, que atendem aos interesses da classe dominante. Tal dominação não advém da coesão física, mas de certa aceitação inconsciente do papel de subordinado. A própria classe dominada coopera com a relação de dominação quando adere tais princípios, ainda que estes afetem de maneira negativa a visão de si mesmo e do mundo.

A criação de uma forte crença de "como é" ou "como deve ser" controla pensamentos e regula comportamentos, facilitando opressões. O machismo estrutural diz respeito à construção cultural que sustenta e normaliza discursos sexistas que colocam homens e mulheres em papéis antagônicos de opressão. As mulheres, apesar de serem as grandes vítimas dessa estrutura social, ajudam a difundir os valores do sistema patriarcal:

E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se

pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (Bourdieu, 2012 p. 45).

Segundo Arendt (2016) "O poder jamais é propriedade de um indivíduo, ele pertence a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido" (p. 60). A dominação masculina se manifesta através de um sistema de comum acordo a todos os homens, em que são cúmplices em sua dominação e se silenciam perante diversas formas de opressão, como forma de proteger os indivíduos de sua classe (Zanello, 2020). Entretanto, Como apresentado anteriormente, há uma pluralidade de masculinidades que são hierarquizadas, e algumas delas estão mais associadas ao poder social que outras:

Outros grupos de homens pagam parte do preço, juntamente com as mulheres, pela manutenção de uma ordem de gênero não-igualitária. Os homens gays se tornam alvos sistemáticos do preconceito e da violência. Homens efeminados e débeis são constantemente humilhados. Os homens negros, nos Estados Unidos (como na África do Sul) sofrem, massivamente, de níveis mais altos de violência letal do que os homens brancos. (Connell, 2017 p. 197)

Connell e Messerschmidt (2017) rejeitam o modelo unidimensional da hierarquia das relações sociais de gênero, em que todas as masculinidades e feminilidades foram encaixadas em um padrão único de poder, a "dominação global" dos homens sobre as mulheres, o que vai contra a ideia da pluralidade de masculinidades e feminilidades. Portanto, melhores formas de compreender as hierarquias de gênero são necessárias. Os autores também descartam um conceito essencialista da masculinidade a partir de um conjunto de traços de carácter fixo para compreender o gênero. Tal concepção simplista impõe uma unidade à categoria "homens" que desconsidera as hierarquias dentro do gênero e os diversos marcadores sociais que influenciam a construção da identidade de gênero.

É certo dizer que a masculinidade hegemônica também pode ser nociva para os homens. Entretanto, o machismo, obviamente, não afeta homens e mulheres da mesma forma. As mulheres são subjugadas e oprimidas pelo sistema, que ainda assim favorece os homens. A presente pesquisa não intenta promover a vitimização ou desresponsabilização dos homens. De todo modo, tal como apontado por Silva e Melo (2021), a abertura ao diálogo e as discussões em torno do sofrimento mental masculino podem impactar, ainda que indiretamente, na constituição e vivência de outras possibilidades de masculinidade.

MÉTODO

A pesquisa possui caráter qualitativo e tem como objetivo central investigar a percepção de estudantes do curso de psicologia de uma universidade pública que se

identificam com o gênero masculino acerca das masculinidades a partir da aplicação de um questionário sociodemográfico e de entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes.

A pesquisa qualitativa sobre fenômenos sociais implica em uma íntima relação entre o pesquisador e seu objeto de estudo, uma vez que, a concepção da realidade estudada é uma construção social e subjetiva marcada por um contexto histórico e influenciada por valores políticos, culturais e econômicos (Perez, 2012). A análise dos fenômenos sociais se dá pelo entendimento e significação atribuídos a eles pelas pessoas, com isso, a utilização da entrevista qualitativa para investigar a visão dos participantes em relação à realidade social fornece dados fundamentais para a compreensão dessa realidade (Gaskell, 2002).

A análise dos dados obtidos será analisada através da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011) através da codificação e categorização do conteúdo dos discursos a partir dos principais temas que emergirem. O instrumento de captação de informações foi construído considerando o objetivo da pesquisa e a sua fundamentação teórica, neste caso, os estudos a respeito das masculinidades.

O convite para a pesquisa foi realizado através da técnica de amostragem não probabilística denominada amostra por conveniência e enviado a todas as turmas do curso de psicologia através de seus grupos de chat. Junto ao convite foi disponibilizado um link que redireciona para um formulário on-line que coleta as informações de contato dos interessados em participar da pesquisa. Em seguida, os interessados foram contatados para o agendamento do dia e horário para a realização das entrevistas.

Os critérios de inclusão da amostra foram: 1) estar regularmente matriculado no curso de psicologia; 2) ser um estudante que se identifica com o gênero masculino; 3) aceitar e ter anuência em participar da pesquisa. Os critérios de exclusão se referem ao não cumprimento de algum dos critérios de inclusão ou à desistência em participar da pesquisa.

Participaram da pesquisa oito estudantes de psicologia, de 18 a 24 anos, que se identificam com o gênero masculino e cujos nomes foram mantidos no anonimato. A amostra contou com representantes de vários períodos do curso. Todos os participantes são solteiros e sem filhos. Quatro participantes declararam-se brancos, três declararam-se pretos e um declarou-se pardo. Em relação à identidade de gênero, todos se reconhecem como cisgêneros. Dos oito participantes, cinco se declararam homossexuais, dois se declararam bissexuais e um se declarou como "sem identificação".

Devido ao contexto de distanciamento social imposto pela pandemia do Covid-19, foi disposta a possibilidade da entrevista ocorrer de forma remota, através de plataformas de

videoconferência, no entanto, todos os participantes da pesquisa optaram por realizar a entrevista de forma presencial.

Foi apresentado aos sujeitos da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que está relatado o objetivo do trabalho, os procedimentos, os benefícios e os riscos atrelados. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido, no qual afirmam estarem de acordo, a partir do que foi exposto, em participar da pesquisa de forma totalmente voluntária.

Para a coleta dos dados empíricos, foi realizado um encontro com cada participante para a realização das entrevistas individuais. Nestes encontros, os participantes foram questionados acerca de suas percepções acerca da masculinidades, das relações de gênero e da importância da temática para sua formação profissional. Todos os participantes responderam as perguntas na sua completude.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011). As transcrições foram lidas, organizadas e sistematizadas para o processo de interpretação dos dados. Sendo assim, as respostas de todos os participantes a cada pergunta foram analisadas em separado e, depois, relacionadas entre si, buscando estabelecer as categorias e os temas que emergiram em cada uma delas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa objetivou investigar a percepção dos estudantes que se identificam com o gênero masculino do curso de psicologia de uma universidade pública acerca das masculinidades e da implicação da psicologia nas discussões de gênero. A análise das falas dos estudantes apontou para as categorias: “Percepções sobre masculinidades”, “Possibilidades para uma masculinidade mais saudável”, “O papel do homem no combate ao machismo” e “A implicação da psicologia nas discussões de gênero”, que serão discutidas a seguir.

Percepções sobre masculinidades

Os participantes, ao serem questionados sobre o que é ser homem a partir de suas percepções, apresentaram respostas que dialogavam entre si e definiam o ser homem como uma categoria de gênero atrelado a um papel social que não deveria estar associado a uma condição biológica. Como apresentados nas seguintes respostas:

“Ser homem, além do papel biológico, tem um papel social, e na questão biológica é algo ultrapassado. Esse papel social do homem é uma forma de opressão”.

“É uma categoria de gênero. Quando a gente nasce e vai crescendo é apresentado pra gente duas categorias que é o homem e a mulher e é imposta uma pra gente, a gente

pode concordar com essa imposição ou não. Ser homem é quando você se identifica com essa figura, com essa construção que existe socialmente, se a gente se apropria do espectro, dessa figura do que é ser homem”.

“É um papel social, uma função dentro de um contexto, que só faz sentido estando dentro do todo, numa posição, em comparação com o outro, que é a mulher. Homem é quem abre a boca e se reconhece assim, que se defende se identifica, que se limita, que se impõe dessa forma, dentro de um contexto”.

“Ser homem é uma construção de gênero que envolve várias áreas, não é algo biológico, já que o gênero é algo social”.

As explicitações contempladas nestes registros indicam que o gênero é compreendido pelos estudantes considerando o seu aspecto social, e não o biológico. Em suas respostas, os participantes defenderam que o ser homem nada tem a ver com o fato de ter ou não um pênis, mas vai muito além disso. Diz respeito a uma construção, identificação e apropriação de uma categoria social. Essa apropriação do gênero especifica e estabelece uma posição, e tal posição é envolta de direitos e deveres.

Na visão tradicional e dicotômica de gênero, o ser homem e o ser mulher dizem respeito a um papel social que deve ser cumprido propriamente. A partir do relato dos participantes acerca de como o ser homem impacta-os, tornam-se evidentes as especificações do gênero masculino e as implicações de pertencer a tal grupo. Os temas emergentes nas falas dos estudantes foram: repulsa ao feminino; bullying atrelado à homofobia e culpa por não atender os padrões de gênero. Algumas respostas dos entrevistados são apresentadas a seguir:

“(O ser homem) me afeta em tudo. Isso me prendeu muito e por muito tempo, na minha personalidade, na forma que eu ajeitava meu cabelo, na forma que eu me vestia. Por muito tempo isso afetou muito na construção da minha subjetividade, principalmente no começo da adolescência, com meu histórico de bullying”.

“De um lugar de um homem gay, a minha feminilidade afetava o meu ser homem. As pessoas perguntavam ‘mas você é homem mesmo?’ Eu sofri muito bullying, homofobia. Então, ser homem foi muito perpassado por sofrimento. Depois da terapia que eu fui ter consciência que eu não precisava sofrer pela minha feminilidade, que eu não era menos homem por isso”.

“Ser homem traz inseguranças, o que eu devo e não devo ser e fazer. Qualquer coisa que vai pra feminilidade eu devo deixar de lado, o jeito de sentar, de caminhar, de se expressar, acho que todo momento tenho que ficar me policiando”.

“Às vezes é que é me dito para fazer enquanto homem me deixar desconfortável, as atitudes que eu preciso ter, a maneira de falar, andar, vestir. Às vezes, o que é me dito entra em discordância com o que eu quero pra mim. É como se eu fosse impedido de ter esse título, é como se eu fosse barrado de ser homem. As coisas que eu fazia eram questionadas. Meus pais sempre pegavam no pé por causa disso. Ultimamente eu estou mais a vontade de construir meu gênero. Eu me podo menos, não me sinto culpado nem observado”.

“O gênero influenciou na minha infância e pré adolescência, eu gostava de pintar as unhas, maquiagem, usar brinco, brincar de bonecas, coisas que meu pai nunca aprovou. Já foi muito difícil lidar com essa sensação de estar quebrando regras ou estar errado, que eu não deveria me comportar do que eu me comporto. Ao longo do tempo, eu fui percebendo que essas características eram mais a respeito de um padrão catalogado de ser homem”

É importante salientar, mais uma vez, que todos os participantes da pesquisa se reconhecem, a partir de sua identidade de gênero, como sujeitos cisgêneros, ao passo que, em relação à sexualidade, nenhum deles se declara heterossexual. A literatura científica aponta que os indivíduos que expressam sexualidades desviantes do padrão heterossexual são marginalizados socialmente, uma vez que são vistos como transgressores da moral, o que gera a manifestação de sentimentos negativos, comportamentos de hostilidade e exclusão (Pereira et al, 2017).

As várias menções aos seus históricos de bullying exemplificam como masculinidades que desviam do padrão heterossexual são marginalizadas. Zanello e Gomes (2011) realizaram um levantamento dos xingamentos considerados mais ofensivos por homens e mulheres. Segundo as autoras, os xingamentos são sintomas sociais que evidenciam o que o gênero deve evitar e tem uma função de controle social. No caso dos homens, o termo "veado", seguido por "broxa" e "corno" tiveram uma predominância maior, o que revela que a sexualidade e vigor masculino são um ponto fraco dentro da performance masculina. O medo de ser considerado gay demonstra como a homofobia e o machismo são fenômenos vinculados. Sendo assim, papéis de gênero influenciam no contexto social onde a homofobia se desenvolve.

O bullying por homofobia presente nos discursos dos estudantes, além de estar atrelado a estereótipos e crenças direcionadas à comunidade LGBT, também está associado à necessidade de que formas de masculinidades que não atendam o padrão sejam marginalizadas, questionadas e rotuladas de formas pejorativas para que a falsa ideia de que gênero é algo natural e imutável perdure.

A socialização masculina afasta os homens das mulheres e de tudo o que é considerado feminino. O homem precisa provar sua virilidade e heterossexualidade e, para isso, dominam as mulheres e são hostis aos indivíduos que não atendem ao padrão cisgênero e heterossexual (Welzer-Lang, 2001). Homens não heterossexuais, e mesmo heterossexuais que não expressam o modelo de comportamento esperado pelo gênero, são enquadrados como desprovidos da virilidade masculina, o que põe em xeque o uso do título de sujeito homem. Como observado nos discursos dos entrevistados, tudo o que é atribuído ao feminino deve ser abandonado e corrigido. É necessário que o homem, para reconhecer-se como tal, assuma o que é estabelecido para a performance masculina. A masculinidade torna-se algo a se conquistar.

No relato dos entrevistados, a fase da infância e a pré adolescência é uma época de muitos questionamentos e inseguranças. As retaliações proveniente da expressão de trejeitos e comportamentos considerados femininos promoviam sofrimento psíquico atrelados a uma culpa por não atender os padrões de gênero. Algo que os participantes afirmam ter superado parcialmente com o passar dos anos. Alguns atribuíram o fato de se sentirem menos cobrados por morarem em outra cidade, longe da família. Porém algo comum a todos, é que a familiarização com as discussões de gênero propiciaram uma reflexão sobre o modo de ser homem na sociedade e, a partir dessa reflexão, repelem a culpa por não atender às cobranças de gênero.

Possibilidades para uma masculinidade mais saudável

A tomada de consciência de que as exigências sociais de gênero dizem respeito a uma imposição sem fundamento plausível abre margem para uma reconstrução do processo de identidade. Neste sentido, os participantes narraram sobre como idealizam um modelo mais saudável de masculinidade.

"Não levar o preconceito, as ideias que a sociedade tem pra ele, filtrar o que vai ser usado na sua construção"

"Homens saindo da posição de privilégio e normatividade. Homens expressando sua masculinidade com liberdade, aceitando certas características de si mesmo, suas vulnerabilidades"

"Mudar o sentimento de superioridade"

"Poder se expressar sem ser julgado, não ficar sempre em alerta sobre o que as pessoas podem achar"

"O modelo é um homem que não se preocupa com a imagem que ele vai passar, ele sente liberdade de experimentar outros modos de vida de comportamento de ação do que é

dito. Ele pode performar o que quer e tem liberdade para chorar e para falar sobre os sentimentos".

"Homens que têm o direito de falar sobre seus sentimentos. E também não colocam outras pessoas no lugar de opressão"

Os relatos dos entrevistados apresentam duas características principais para refletir um padrão de masculinidade mais saudável: a liberdade para poder expressar e experienciar seus sentimentos e suas dores e a abdicação de sua posição de dominação nas hierarquias de gênero.

A relação entre a performance de uma masculinidade forte e viril e o sofrimento mental é evidenciada. A primeira categoria diz respeito ao preço que deve ser pago para o sustento da hierarquia de gênero com o masculino no papel do gênero dominador. O gênero é uma construção relacional que associa conceitos complementares. O masculino é o gênero do poder, da dominação e da razão, enquanto a sensibilidade, a emoção e a subordinação é destinada ao feminino (Vieira & Charf, 2012).

A dominação masculina está associada à força, sendo assim, a fraqueza é condenada. Desde pequenos, homens são orientados a inibir as suas emoções. Os homens são privados de serem vulneráveis e de manifestarem suas fraquezas, de procurarem ajuda, apoio e cuidado, sendo isso uma das consequências da cultura cujas representações e normativas sobre o masculino afastam o homem de práticas consideradas femininas (Cortez, Trindade & Menandro, 2017). É observado nos relatos do público da pesquisa o desejo de desassociar o masculino desta condição de analgia e insensibilidade.

A renúncia de sua posição nas hierarquias de gênero parece estar, de certa forma, associada à liberdade em relação a manifestação de emoções e sentimentos. O homem deve abdicar de suas vulnerabilidades para se tornar o ser dominante, o que tem impacto na sua saúde mental. Para pensar em um modelo de masculinidade mais saudável, é necessário que a própria hierarquia de gênero seja rompida.

O papel do homem no combate ao machismo

Mas afinal, entendendo o lugar de vivência dos homens de sujeitos beneficiados com o sistema machista, qual seria o papel deles no combate ao machismo? Os participantes foram questionados acerca de como os homens podem contribuir nessa luta. Os temas emergentes nas respostas dos entrevistados foram acerca da conscientização e reflexão sobre o machismo e intervenção junto aos pares, principalmente outros homens:

"Ele deve reconhecer o lugar que ele tá, o lugar de privilégio e modificar as pessoas ao redor dele, especialmente, outros homens, sem forçar a barra. Tentar quebrar essa barreira da masculinidade".

"Olhar para si e entender o machismo, enxergar suas práticas machistas. E Falar com os amigos, em um grupo de homens pode nascer o machismo, por que eles falam o que querem".

"Acesso à informação. Mesmo o homem que vive de acordo com o padrão ainda sofre. Divulgar e repassar a informação, conversar com as pessoas que você é próxima e escutar as pessoas, a vivência de gênero e a realidade delas".

"Apontar o machismo na fala de outros homens, palavras machistas e homofóbicas na fala dos amigos".

"Olhar para dentro, se policiar para não subjugar quem está mais vulnerável. E na relação com os pares, não deixar passar falas problemáticas".

"Os homens podem ajudar fazendo o processo de desconstrução, entender que a masculinidade está num processo de controle. A tomada de consciência que você não precisa ser o que é preconizado pela masculinidade para você ser uma pessoa digna, feliz, que mereça respeito" .

Entendendo o gênero como uma construção social e cultural, o ponto de partida para combater o machismo seria um processo de conscientização, olhar para si e olhar para o outro, entendendo como as relações de dominação e subordinação de gênero se estabelecem, se sustentam e se manifestam. O acesso à informação é um meio para promover uma visão crítica acerca das relações de gênero, transformando seres humanos em agentes que lutam para extinguir as concepções naturalizadas a respeito do gênero para que as correntes que prendem as pessoas em certos papéis sociais sejam rompidas (Vieira & Charf, 2012).

A intervenção e a repreensão de práticas machistas junto a outros homens também se configuram como estratégias de combate ao machismo. Os homens protegem uns aos outros em práticas machistas, mesmo que não concordem com elas (Zanello, 2020). Quebrar com a hierarquia de gênero, também quer dizer se posicionar frente a tais práticas. Neste sentido, grupos reflexivos com homens configuram-se um ambiente propício para a desconstrução de crenças e práticas discursivas acerca das relações de gênero e das masculinidades (Belarmino & Leite, 2020; Oliveira & Scorsolini-Comin, 2021). Entretanto, as reflexões não devem se restringir a um público pequeno, mas deve se expandir para que transformações mais significativas ocorram em um nível macrossocial, impactando todas as esferas da sociedade.

A implicação da psicologia nas discussões de gênero

A psicologia, para cumprir seu papel na sociedade, deve engajar-se na luta contra todas formas de opressão e desigualdade. Para encerrar as discussões, os participantes foram questionados sobre a importância da inclusão de discussões de gênero na formação em psicologia. Todos os estudantes defenderam ser fundamental tal inclusão, alguns mencionaram que as discussões que tiveram ao longo do curso foram cruciais para seus processos de desconstrução e desmistificação de crenças. Conforme apresentado nas seguintes falas:

"As discussões de gênero propiciam que a gente entenda mais a subjetividades das pessoas e como as opressões de gênero ocorrem, entendendo que há várias formas de expressar gênero. Elas são importantes para entender as demandas das pessoas de forma mais genuína, entendendo o que propicia sofrimento psíquico pra ela"

"As relações de gênero atravessam o meio familiar, o trabalho e os relacionamentos interpessoais. As percepções que temos e nos afetam. Foi importante as discussões de gênero que tive durante o curso, não só como profissional, mas como pessoa. Mudei minha percepção das coisas."

"Você necessita saber como é o outro, como foi seu processo de construção de gênero e entender a literatura a respeito de gênero, pois qualquer tipo de discriminação vai deixar de fazer sentido a partir do momento que você entende o fenômeno"

"A falta do debate pode inviabilizar totalmente a profissão, pois entender a subjetividade implica entender a visão de mundo e a realidade das outras pessoas. Cada pessoa tem seu processo"

"É uma questão base da nossa formação, considerando o escopo da sociedade ocidental, não existe uma pessoa descontextualizada das relações de gênero. Existe o gênero sempre afetando homens e mulheres. Compreender a dinâmica do gênero perpassa a vida das pessoas é de suma importância pra gente pensar esses processos e pensar na forma que possa prezar pela saúde delas."

Os estudantes atribuíram uma grande importância às discussões de gênero para o entendimento de subjetividades e contextos de opressão. Entretanto, as discussões de gênero foram caracterizadas como repetitivas, pois, segundo eles, na grade do curso, não há uma lógica que permita avanços com as discussões de gênero à medida em que eles concluem a formação. Outro ponto mencionado é que discutir gênero na sala de aula geralmente depende muito da abordagem do docente, e são poucos os que, de fato, se envolvem nessas discussões.

Estes pontos, abordados na literatura (Martins et al, 2016; Cannone, 2018), exemplificam os empecilhos da integração da temática de gênero na formação em psicologia.

É importante salientar, mais uma vez, o perfil dos respondentes. O convite para a pesquisa foi enviado a todas as turmas do curso de psicologia através de seus grupos de chat. Entretanto, todos os estudantes que manifestaram interesse e aceitaram participar da pesquisa são homens que se desviam do padrão heteronormativo. Nesse cenário, cabe uma reflexão: a quem interessa discutir gênero nas universidades, especificamente no curso de psicologia?

Não há dados que informem a respeito do perfil social dos mais de quatrocentos e cinquenta alunos e alunas do curso de psicologia da instituição. No entanto, é curioso que uma pesquisa a respeito da temática de gênero desperte interesse apenas de um grupo de alunos que são vulnerabilizados pela questão da sexualidade e gênero.

Há muito o que se discutir e investigar na área da temática do gênero. A psicologia deve promover conscientização, isto é ajudar as pessoas a superar sua identidade alienada, ao transformar as condições opressivas do seu contexto (Martin-Baró, 2022). Isto significa contribuir para a incorporação de recursos e estratégias que promovam a autonomia das pessoas, de modo que haja mudança em suas realidades sociais e psíquicas. Nesta perspectiva, não há como promover conscientização quando o profissional não compreende as condições do fenômeno que causam opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar a percepção dos estudantes que se identificam com o gênero masculino do curso de psicologia de uma universidade pública acerca das masculinidades e da implicação da psicologia nas discussões de gênero. A predominância dos discursos que problematizam gênero sugere que os respondentes da pesquisa têm, em algum grau, familiaridade com discussões a respeito da temática.

Os entrevistados entendem que o modelo de masculinidade hegemônico é nocivo tanto para si mesmos como para a sociedade em geral e buscam novas formas de expressar suas masculinidades, e defendem que as discussões de gênero são fundamentais para a formação profissional em psicologia, uma vez que elas contribuem para o entendimento de subjetividades e contextos de opressão. Entretanto, o perfil social da amostra da pesquisa em relação à orientação sexual sugere o maior engajamento dos indivíduos que se desviam do padrão heteronormativo nas discussões acerca da problemática de gênero.

As discussões de gênero que ocorrem na psicologia, como mencionado, são criticadas por seu caráter reducionista e seletivo. Tais discussões, quando ocorrem em sala de aula, são altamente limitadas. Nesse cenário, as bolhas sociais que discutem gênero nas universidades

se restringem a quem tem interesse e busca se aprofundar pela temática. Mais uma vez, ressalta-se a importância que as discussões de gêneros sejam ampliadas, na psicologia e em outras áreas do conhecimento, e difundidas, nas universidades e fora delas, de forma que a conscientização promova reflexões acerca do gênero em todas as esferas da sociedade.

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (2016). *Sobre a violência* (7ª ed). Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Belarmino, Victor Hugo e Leite, Jäder Ferreira. Produção de sentidos em um grupo reflexivo para homens autores de violência. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2020, v. 32 [Acessado 12 Outubro 2022] , e218781. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32218781>>. Epub 20 Nov 2020. ISSN 1807-0310.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia - história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (11ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (11ª Ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cannone, L. A. R. (2018). Os Estudos de Gênero na Graduação em Psicologia: uma análise em Salvador, Bahia. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 4(3), 39–57. <https://doi.org/10.9771/cgd.v4i3.25813>
- Cortez, M. B., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S. (2017). Racionalidade e sofrimento: homens e práticas de autocuidado em saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 18, n. 2, p. 556-566.
- Connell, Robert W. e Messerschmidt, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2013, v. 21, n. 1 [Acessado 13 Abril 2022] , pp. 241-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Epub 09 Maio 2013. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.
- Connell, R. W. (2017). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>
- Curado, Jacy Correa e Jacó-Vilela, Ana María. Estudos de Gênero na Psicologia (1980-2016): Aproximações e Distanciamentos. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2021, v. 41 [Acessado 25 Setembro 2022] , e219132. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003219132>>. Epub 16 Jul 2021. ISSN 1982-3703.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M. W., Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes

Martín-Baró, Ignácio. O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online]. 1997, v. 2, n. 1 [Acessado 25 Setembro 2022], pp. 7-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>>. Epub 16 Maio 2001. ISSN 1678-4669.

Martins, Alberto Mesaque, Abade, Flávia Lemos, & Afonso, Maria Lúcia Miranda. (2016). Gênero e formação em Psicologia: sentidos atribuídos por estudantes à saúde do homem. *Psicologia em Revista*, 22(1), 164-184. <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N1P164>

Oliveira, Juliana de e Scorsolini-Comin, Fabio. Percepções sobre intervenções grupais com homens autores de violência contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2021, v. 33 [Acessado 12 Outubro 2022], e221163. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33221163>>. Epub 26 Abr 2021. ISSN 1807-0310.

Pereira, Annelise dos Santos Lira Soares, Dia, Susana Maria Pires da Silva, Lima, Tiago Jessé Souza de, & Souza, Luana Elayne Cunha de. (2017). *As crenças sobre a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais no ambiente de trabalho*. *Temas em Psicologia*, 25(2), 563-575. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-10>

Pérez, L. F. M. (2012) A pesquisa qualitativa crítica como abordagem metodológica. In: *Questões sociocientíficas na prática docente: Ideologia, autonomia e formação de professores* [online]. São Paulo: Editora UNESP. ISBN 978-85-3930-354-0. Available from SciELO Books.

Scott, J. (2017). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

Silva, G. C. F. O., & Lapor, T. J. Machismo: fruto de esquemas desadaptativos. *Revista Mosaico*. 2019 Jan/Jun.; 10 (1): 20-28.

Silva, Rafael Pereira e Melo, Eduardo Alves. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 26, n. 10 [Acessado 25 Setembro 2022], pp. 4613-4622. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>.

Vieira, V. Charf, C. (Orgs). (2012). *Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica*. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz.

Welzer-Lang, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, v. 1, 2001.

Zanello, V., & Gomes, T. (2011). Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*, 23(1/2). Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7615>

Zanello, V. (2020). Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”. In Ferreira, L. (Org). *Gênero em perspectiva*. Curitiba: CRV.